

Fernando Namora ou o sentido crítico da crítica

Na passagem dos quinze anos sobre a sua morte, podemos dizer que Fernando Namora (1919-1989) foi um dos poucos escritores que, na unidade e diversidade da sua obra literária, mais contribuiu para a clara interpretação do que escreveu, tanto na ficção como na crónica, poesia ou nos "cadernos de escritor". Não há dúvida que no conjunto dos volumes desses "cadernos", de *Um Sino na Montanha* (1968) até *Sentados na Relva* (1986), mais de perto se pode entender a visão humaníssima das suas personagens, enredos, conflitos, gentes e terras. Por essas páginas, o autor de *Casa da Malta* discute consigo mesmo, confessa as suas ideias, retrata terras e lugares em andanças de viajero que "anda e vê" com grande atenção o mundo em redor, define algumas das coordenadas de uma pessoal atitude de ser "escritor-romancista", desvenda as linhas essenciais da sua formação estética e ideológica.

Em muitos dos textos, Namora passa em revista a nossa própria realidade humana, social e cultural, confronta-a com a de outros países, anotando em pormenor os aspectos que uma atenta e lúcida observação não deixa escapar: seja o quotidiano lisboeta, fixado em pormenores que sempre se ligam a um entendimento do mundo à sua volta, seja em redor das paisagens e gentes alentejanas (e muito belas se revelam as páginas de evocação de Castelo de Vide, Marvão, Portalegre ou Monsaraz), ou mesmo para falar dos problemas e questões levantadas sobre a literatura ou a crítica, enfim, a cultura no sentido mais universal, no diálogo vivo com intelectuais de outros quadrantes, o que se afirma nas páginas de *Sentados na Relva* é ainda (e sempre) uma visão realista de pretender dar do mundo e dos homens que se cruzam no seu caminho, no entusiasmo das ideias e das paixões mais sinceras, o retrato mais exacto e preciso nos contornos ou sentimentos que extravasam desse inalterável "discurso" literário. E por aí Fernando Namora se declara sempre implacável, na releitura deste seu livro, pelos registos que faz ou na ideias que exprime, mesmo nos protestos que não pode calar:

"Ser escritor hoje, em Portugal, é exercer uma actividade que, apesar de bem castigada com tributos, deve ser das raras que o Estado desconhece em termos de encorajamento e previdência?"

Mas não devemos deixar sem destaque muitas das ideias do que é essencial em *Sentados na Relva*, porque sobre as Reuniões Internacionais de Lahti, em Mikkilä (Finlândia), o autor de *O Rio Triste* pôde assistir e participar em debates em redor de ser "a literatura uma linguagem universal?". E se muitas dessas anotações que registou se prendem com a questão sempre tão debatida em diferentes perspectivas, a verdade é que deixa a impressão agradável de quase se ser, como seu leitor, um desses mesmos participantes, sentados na relva, ao sol e ao vento, ouvindo Guilevic, Bernard-Henri Lévy, Jean-Pierre Faye, Kobo Abe, Claude Roy, entre outros. E todo esse debate se desenrola entre a "posição" ideológica do intelectual, a "função" da literatura, o "sentido" crítico da crítica, a "verdade" e o "rigor" da obra traduzida, isto é, a literatura como essencial **comunicação** entre os povos.

Porém, entrecruzando esses registos com pertinentes observações críticas, Namora faz extrapolar algumas das considerações sobre a nossa realidade literária, com algum azedume e amarga desilusão, e desabafa deste modo: *"Seríamos tentados a acrescentar Lisboa, mas Lisboa é outra coisa. Menos perdidamente civilizada e menos eufemística, Lisboa prefere a navalhada ao virar da esquina, prefere ser rasca. Tece conjuras na sombra, com qualquer poeta adunco e piloso a distribuir pelo gang lâminas de barba com que golpear as canelas da vítima, cospe grosso, verte bilis - mas tudo isso numa Lisboa rasteira. E à meia volta. Com a ambígua excepção dos velhacos importados, que, ao aclimatarem-se, refinam o veneno luso com um tempero cosmopolita?"*

Mas, nestes sentidos desabafos ou nos subentendidos que as suas observações deixam entender, Namora procura fazer o contraponto da realidade literária portuguesa com outras que a sua experiência como participante destes encontros internacionais não pode esconder. E foi realmente oportuno que o fizesse com tal lucidez e crispação, tenha posto o dedo na ferida por sarar desse velho conflito entre críticos e criadores. Na literatura e nas artes plásticas, no teatro e no cinema. Mas também sabemos que esse inalterável conflito não se passa só entre nós, porque noutros quadrantes se utilizam as mesmas armas, em idêntico cortejo de ódios, atrevimentos e protestos. E Fernando Namora logo observa, como se estivesse a nosso lado: *"Com efeito, a chamada indecência da vida literária não nos é exclusiva, não. A crestadora inveja (quem disse que a inveja é o mais dramático sinal da frustração?), o golpe baixo, a mesquinhez e a torpeza estão longe de ser estigmas nossos?"*

Sim, é antigo e sempre se retoma, tantas vezes de modo errado, esse conflito entre críticos e artistas, embora sejamos de opinião que as profundas razões se encontram noutro lado, talvez na falta de rigor e de verdade com que, tão leviana e constantemente, se erguem hossanas em louvor de certos escritores ou artistas e se profere veementes protestos contra outros que, pela sua obra e pelo exemplo das posições assumidas, deviam merecer outra aceitação ou justificar uma rigorosa atitude crítica. Sabemos bem que existem **diferentes** padrões para encarar a arte (ou a criação literária) e que, enquadrando-se essa mesma arte e criação no seu tempo e espaço próprios, a crítica deverá assim necessariamente corresponder aos mesmos postulados estéticos e ideológicos. Ao rigor da criação artística, o sentido crítico não pode ser mais do que o processo imediato de estar à sua altura e por isso melhor a compreender, justificar e impor. Mas, no fim de contas, o "jogo" em que o escritor ou o artista se empenha, se arrisca e compromete poucas vezes deve alguma coisa ao "acto crítico", seja ele teórico, formalista ou impressionista. **Criticar** é e sempre foi apostar, dizer o que vale e não vale, segundo as nossas opções e preferências. Criticar é ter consciência de exercer um direito que é de todos, é o modo de alargar esse diálogo e

fazer com que o leitor ou até o espectador menos prevenido melhor entenda a obra que lê, escuta ou tem diante dos olhos.

Assim, ao levantar estas questões e não escondendo as razões dos protestos que se alargam nas páginas dos seus Cadernos de um Escritor?, Namora retoma, de forma coerente e renovada, esse mesmo itinerário de quem, como intelectual e nada indiferente aos conflitos do mundo, aborda problemas e esboça ideias para que melhor se compreenda esse triângulo nem sempre amoroso ou pacífico bem próprio da obra literária e artística: **escritor / crítico / leitor** ou **artista / crítico / espectador**.

Por último, dizer que na releitura de *Sentados na Relva* perpassa ainda o mesmo sentido crítico e de responsabilidade de um escritor que, nas peregrinações de andar e ver outras terras e no convívio de outras gentes, não pode deixar de nos falar e dizer do seu pessoal **modo de ler** e compreender os homens e o mundo. E por estas páginas de confissão, denúncia, debate de ideias ou simples apontamentos de viagem se ergue ainda (e sempre) a voz do autor de *O Trigo e o Joio* que ao longo de cinquenta anos de criação literária consolidou uma **obra** que é das mais expressivas da literatura portuguesa do século vinte. Sem favor e quase sem necessidade de isso se repetir em relação a Fernando Namora.